

A NOITE EM QUE AS ESTRELAS CAÍRAM

Arthur Gordon

Uma noite de verão em um chalé à beira-mar, um garoto percebeu que o estavam tirando da cama. Atordoado de sono, ouviu a mãe murmurar algo a respeito do tardio da hora e escutou o pai sorrir. A seguir, ele foi carregado, com a rapidez de um sonho, nos braços do pai – desceram os degraus da varanda e alcançaram a praia.

O céu estava coberto de estrelas fulgurantes.

– Olhe! – falou o pai.

E, enquanto falava, uma das estrelas moveu-se. Incrível! Ela riscou o atônito céu com uma faixa dourada como o fogo. E antes mesmo que o esplendor dessa se apagasse, outra estrela pulou de seu lugar, depois outra, e mergulharam no mar agitado.

– O que é isso? – murmurou o garoto.

– Estrelas cadentes – disse-lhe o pai. – Elas sempre aparecem em algumas noites de agosto. Achei que você gostaria de ver este espetáculo.

Isso era tudo: apenas o vislumbre inesperado de algo assustador e misterioso e lindo. De volta para a cama, porém, o garoto ficou por um longo tempo com os olhos bem abertos na escuridão, arrebatado pela ideia de que, ao redor da casa, a noite estava totalmente tomada pela música silenciosa das estrelas cadentes.

Décadas já transcorreram, mas ainda me lembro daquela noite, pois eu era o menino sortudo de sete anos cujo pai acreditava que uma nova experiência era mais importante para um garoto do que uma noite bem-dormida. Sem dúvida, em minha infância tive minha cota de brinquedos, mas estes já foram esquecidos. No entanto, lembro-me nitidamente da noite em que as estrelas caíram...

As crianças não se lembrarão de você pelas coisas, materiais que lhes proporcionou, mas pelo sentimento que roca teve por elas.

RICHARD T. VANS